

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA - PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Esteriotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-
feiras - Não se devolvem os originais - Dos
artigos publicados são responsáveis os seus
autores.

A BATALHA



Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO
GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento se-
manal, Lisboa, mês 9\$50, Província, 3 me-
ses 28\$50; África Portuguesa, 6 meses
70\$00; Estrangeiro, 6 meses 110\$00.

PREÇO 50 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2274

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

SÁBADO, 1 DE MAIO DE 1926

**1.º DE MAIO
DE 1926**



LITH. G. de CARVALHO - LISBOA



Com a OVOMALTINE cada refeição é uma festa

Diz um velho provérbio popular «comemos para viver, mas não vivemos para comer»; dizia por outras palavras um sábio e grande médico chamado Roborano: «Uma boa alimentação não é somente quantitativa mas sobretudo qualitativa».

Efectivamente quantos males são devido aos alimentos impróprios: Palidez, doenças do estômago, mau humor, falta de energia, mau sono, etc.!

Sobre este ponto uma chavena de Ovomaltine constitui sem dúvida uma das melhores refeições. Todos os elementos nutritivos dos alimentos mais substanciais: ovos, leite, extracto de Malte e dum pouco de cacau para perfumar o produto, obtidos a baixas temperaturas de modo a conservar-lhes intacta a



sua estrutura orgânica, apresentados por um processo especial, sob a forma seca, homogênea durável, do mais alto valor nutritivo, facilmente assimilável e dum gosto delicioso, eis a Ovomaltine.

Quem não tomar todos os dias uma ou duas chavenas de Ovomaltine deve fazê-lo pelo menos nas épocas de maior trabalho. Porque não é sem razão que se diz que uma chavena



d'Ovomaltine ao pequeno almoço ajuda a chegar ao fim do dia sem sentir o trabalho que se realizou.

A' noite uma chavena de Ovomaltine repara rapidamente a brecha aberta em nossas

fôrças e assegura-nos um sono tranquilo e reparador.

A Ovomaltine é muitas vezes o único alimento que a mulher grávida é capaz de suportar, e que lhe mantém as fôrças. Além disso a Ovomaltine activa enormemente a secreção do leite e permite as mães alimentar os filhos, mesmo aquelas que o não poderam fazer para os seus filhos mais velhos.

Sabe-se que 90 % das doenças são acompanhadas de fraqueza. Ora, a fraqueza é ef-



cazmente combatida pela Ovomaltine, o que facilita ao organismo a sua luta contra o mal.

A Ovomaltine será sempre um medicamento auxiliar importante nas doenças dos nervos e do coração, na tuberculose e outras afecções debilitantes, no rachitismo, a escrófula, a chlorose, a anemia e muitos outros casos.

A Ovomaltine é suportada melhor que qualquer outra coisa e contribue eficazmente para recuperar as fôrças perdidas.

Para as crianças que cresceram depressa, que sejam nervosas, pálidas, anémicas, escrofílicas, raquíticas, uma chavena de Ovomaltine no leite ao pequeno almoço aumentam-lhes a alegria, o peso do corpo, o apetite. Para os velhos nenhum alimento é tão próprio para evitar a diminuição das fôrças, porque mesmo os órgãos envelhecidos a suportam perfeitamente e o que é mais importante ainda, a sua assimilação faz-se sem embaraço, o que mais aproveita ao organismo.

OVOMALTINE

É A SAUDE

A' VENDA EM TODAS AS FARMACIAS E DROGARIAS

DR. A. WANDER, S. A. BERNE

Unicos concessionários para Portugal

ALVES & C.^a (IRMÃOS)

41, 2.º, Rua dos Correios, 41, 2.º
LISBOA

Trabalhadores de Lisboa: Comemorai com entusiasmo a data involvidável do 1.º de Maio, comparecendo em massa no comício que a Câmara Sindical do Trabalho promove hoje, pelas 16 horas, no Parque Eduardo VII!

Operários e camponeses da província: Não falteis hoje aos comícios e sessões e afirmai o vosso desejo de viver uma vida mais livre e mais equitativa!

O operariado português na manifestação internacional do Primeiro de Maio

O Primeiro de Maio evolui como tudo no universo. Principiou por ser um débil protesto de alguns operários conscientes contra as atrocidades exercidas pelos governantes da livre América sobre os trabalhadores que reclamavam apenas esta coisa comestível: menos horas de trabalho. Foi depois, durante alguns anos, devido à influência burguesa, que tudo deturpa, uma manifestação alegre platonicamente socialista, com passeios às hortas e carros alegóricos. Transformou-se, finalmente, mercê da efervescência revolucionária nascida da conflagração europeia, numa jornada mundial de protesto contra o poder ilícito do capitalismo.

Foi nesta fase moderna que o Primeiro de Maio adquiriu a importância social que faz hoje franzeir o sobrolho assustado dos governos burgueses e meditar em próximas modificações sociais.

Nos principais países da Europa, mesmo naqueles onde a patalibertadista das mais ferozes e reacçãoárias ditaduras esmagou as organizações proletárias, o Primeiro de Maio nunca deixou de ser comemorado sob o aspecto de protesto contra o existente, de repulsa contra a sociedade burguesa e criminosas.

Se há país onde o Primeiro de Maio, como protesto contra a bandeira e podridão do capitalismo imperante, tenha razão absoluta de se fazer, Portugal é um deles.

A burguesia portuguesa, exploradora e rápaca, como a de todo o mundo, nem sequer tem uma obra útil a desculpar os seus crimes. Lá fora ainda o capitalismo contribuiu — embora na mira de retirar lucros formidáveis — para a organização de indústrias, edificação de escolas, construção de estradas, desenvolvimento económico e mental dos povos que explora. Aqui nem isso.

Em Portugal, a burguesia é única e exclusivamente parasitária. Suga o povo, não lhe deixando sequer as migalhas. Por isso mesmo o proletariado deve ser mais enérgico, mais vibrante, mais ativo na condenação dos seus inúmeros crimes.

São diários os escândalos que assinalam a decadência ignominiosa do capitalismo português. São inúmeras as provas de rebaixamento moral dos políticos sem uma leve sombra de ideal que vivam parasitariamente de ignóbeis serviços prestados à burguesia parasitária.

O Estado burguês, neste explorado país, já não tem assômos de brio, nem tímidos gestos de reacção contra a sua derrocada, cavada mais por suas próprias mãos do que pelos golpes demolidores dos revolucionários sociais. E como o povo trabalhador, única força moral, única esperança do futuro não quer, não pode, nem deve colaborar na obra vergonhosa dos seus verdugos, deve, portanto, ser impiedoso ao verberar a sociedade actual, deve erguer-se solidário no mesmo ideal de regeneração e preparar-se para passar sobre o cadáver putrefacto de uma organização social deficiente, que se suicidou, e alcançar um novo estado de coisas mais perfeito e amplo.

E' nas ocasiões máximas que as consciências se afirmam. O Primeiro de Maio é o momento mais propício para afirmar o desejo do proletariado em tocar um ideal mais alto.

Não devem, pois, hoje, os trabalhadores conscientes do seu destino e das suas aspirações hesitar um instante sequer. E' nos comícios e nas sessões, onde os trabalhadores se irmanem numa aspiração comum, que está marcado o lugar de todos os que trabalham e vivem explorados miseravelmente pela burguesia capitalista.

Hoje, portanto, só um grito deve soltar-se de todos os peitos:
— Aos comícios e às sessões!
Só uma acção deve ser exercida:
Comparecer nos locais de protesto — e protestar!

O início da campanha da jornada de seis horas

E' em Portugal este ano comemorada condignamente a data do 1.º de Maio como o início da campanha a favor da jornada das seis horas, pois que foi precisamente a agitação feita em 1885 pelos operários norte-americanos à volta duma diminuição de horas de trabalho que deu origem a tal comemoração.

Como sucede presentemente em todo o mundo, desde 1873 que os Estados Unidos vinham atravessando uma crise tremenda monetária e comercial, que tivera por consequências o encerramento de inúmeras fábricas, e o lançamento para a rua, sem recursos, de milhares de produtores, que só do seu trabalho viviam.

O operariado organizado norte-americano, então influenciado pelos elementos anarquistas, resolveu, em face desta situação, iniciar um movimento a favor das oito horas de trabalho — único meio de atenuar a sempre crescente e terrível crise do «chômage» — resolução sumamente humana, e manifestando um generoso espírito de solidariedade, visto que faltando a quasi todos os produtores em que ocupar os seus braços, não era justo que uns se expostassem com longas jornadas de trabalho, enquanto os outros se conservavam de braços cruzados, consumindo-se de inação.

Este movimento teve o seu ponto culminante na grande greve de Chicago do 1.º de Maio de 1886, durante a qual foram fusilados e feridos uns poucos de grevistas, e terminou com o assassinato legal em 11 de Novembro de 1887 dos quatro militantes anarquistas: Augusto Vicente Teodoro Spies, Jorge Engel, A. R. Parsons e Adolfo Fischer, e com o suicídio de Luis Ling que se antecipeu à execução da pena de morte também contra ele pronunciada.

Porisso achamos que a melhor forma de se comemorar estes dolorosos acontecimentos, numa época em que se atravessa uma crise de «chômage» ainda mais intensa do que a que devastava os Estados Unidos há 39 anos, é iniciar-se, honrando assim a memória das vítimas de Chicago, o movimento a favor das seis horas de trabalho, porque só por este meio se poderá fazer decrescer um tanto o número dos sem-trabalho, que neste momento por todo o mundo se definham lentamente.

Além disso, também deste modo se corresponde àquele apelo que, em seguida ao assassinato dos grevistas cuja memória agora evocamos, dirigiu a todos os trabalhadores o jornal «Die Arbeiter Zeitung».

de Chicago, e o qual a seguir transcrevemos:

«A guerra de classes começou. Ontem fusilaram trabalhadores. O seu sangue grita vingança.

«Quem ousará duvidar que os tigres que nos dominam não estão ávidos do sangue dos trabalhadores?

«Mas os trabalhadores são homens de carácter. Ao terror branco, responderão eles com o terror vermelho. Mais vale a morte que a miséria. A necessidade faz-nos gritar às armas!

«Ontem, as mulheres e as crianças choravam as vítimas das balas capitalistas, enquanto nos seus palácios os nossos amos despejavam taças de champagne. Cessai de chorar trabalhadores.

Tende coragem, escravos. Revoltai-vos.»

A. BOTELHO

Todos os dias contemplo um mundo que sossobra na pobreza e na ignorância; um mundo que fluctua desamparado sobre um oceano de fome, de doença e de miséria. Foram-nos dados, a nós, lazeres, liberdade, inteligência; que temos feito para impedir essas coisas? — H. G. Wells.

Ao Pessoal da Higiene

Camaradas: E' hoje, dia 1.º de Maio, a data consagrada aos trabalhadores. Milhões de gargantas, nas tribunas dos comícios, protestam neste dia em toda a parte do mundo, contra a exploração capitalista e contra a tirania burguesa.

O proletariado português junta-se solidariamente ao proletariado de além-fronteiras, no protesto universal. Por consequência, exercendo o pessoal da Higiene uma função que o leva a trabalhar todos os dias consecutivos do ano, é justo que, ao menos, um dia se erga da miséria em que vive, deixando o trabalho e indo para o lado daqueles que neste momento se preparam para afirmar a burguesia dominante a sua repulsa pela tirania e opressão que exerce sobre os produtores. Vós, camaradas da Higiene, sois daqueles que exercéis na sociedade uma função indispensável, e todavia o patrão que vos explora não tem a menor consideração pelo vosso labor, porquanto vos mantém numa situação miserável.

Por estas e outras razões, hoje sábado, 1.º de Maio, a começar da 1.ª madrugada, ninguém deve pegar ao trabalho.

Camaradas! Pela Liberdade, contra a tirania!

A Comissão Profissional dos Serviços de Higiene do Sindicato do Pessoal do Município.

PARA CONVERGÊNCIA DE ESFORÇOS PALAVRAS AO VENTO?

A data que hoje passa e que o proletariado comemora de maneiras tão diferentes nos vários países e até de forma diversa dentro de cada um deles, serve para afirmar, no meio da variedade de manifestações que neste dia há de efectuar-se através do mundo, que há uma legião enorme que luta esforçadamente pela derrocada do Capitalismo. E é curioso notar que, apesar de internacionalmente não haver absoluta uniformidade quanto ao carácter das manifestações ora levadas a efeito pelas organizações sindicais, em relação ao seu objectivo e à finalidade que pretendem atingir quasi se não notam discrepâncias. Efectivamente, dum ao outro polo do mundo as massas operárias estão capacitadas de que aquela derrocada será precedida duma transformação social profunda.

Em Portugal, como nos restantes países, e por razões comuns, vai a classe trabalhadora soltar hoje mais um brado. Será seguramente expressivo, mas não tão eloquente como o poderia ser se a unidade do movimento operário não tivesse sido de certo modo molestada desde o Congresso da Covilhã, sem proveito aliás para nenhuma das correntes de opinião que desde aquela data se têm agitado, com bastante vivacidade, nas fileiras da nossa organização de classe, e também sem benefício algum, é claro, para a população associada.

Penso eu — e suponho não enganar-me — que há certa contradição sempre que, falando ou escrevendo, aconselhamos o operariado, todo o operariado, a conjugar os seus esforços dentro das instituições sindicais — a fim de que possa, por isso mesmo, tornar-se mais forte e mais apto — quando nós, os que exprimimos tão ajuizado parecer, se atentássemos bem nas próprias acções havíamos de compreender que damos, por vezes, o exemplo da desunião mais flagrante entre nós mesmos, o que é dobradamente indecível, visto que, como propagandistas, não temos o direito de indicar a outrem um caminho do qual somos os primeiros a transviar-nos, e nem sempre por razões suficientemente ponderosas.

Se a experiência tem, como se diz e eu creio, a virtude de facultar o conhecimento das coisas pela prática e pela observação, estou convencido que, à face dela, os militantes que constituem as correntes de opinião — a que acima me refiro não de estar já capacitados de que se não avançou um único passo desde que, por forma conflituosa, se trouxe para o seio da nossa organização sindicalista a questão das relações internacionais.

Essa questão pode ser muito importante, e não nego que de facto o seja, mas para mim não é o tanto que ache legítimo que por virtude dela sacrificáremos a nossa organização nacional, que só será uma autêntica força desde que se apresente coesa. E quando digo coesa, falo evidentemente sob o ponto de vista da acção, que no domínio do pensamento, como todos nós sabemos, a falta de variedade significa monotonia, e onde a monotonia impera pesado é o meio ambiente.

Ora se efectivamente os militantes sindicais estão convencidos de que não fizeram progressos sensíveis depois que trouxemos a terreno questões que acho bem se discutam, mas com elevação e tolerância, não por simples capricho, mas com o intuito de esclarecer, e desde que a aspiração de todos é que o movimento operário volte a ter uma influência predominante na nossa vida social, é porque é então que nós, sem abdicarmos das nossas ideias, não havemos de dar um grande exemplo aos que nos escutam e aos que nos lêem, tomando todos posição firme no mesmo sector de ataque ao adversário comum?

Não sei se estas minhas palavras serão palavras lançadas ao vento, bem podendo suceder que, na pitoresca frase do nosso inconfundível João Caldeira, eu esteja a voar no espaço. Desejaria, que o não fosse, e trabalharia para que o não seja.

E como sou homem de fé, espero que aqueles a quem elas vão dirigidas, que são todos os militantes sindicais, as meditem, não porque encerrarem conceitos profundos, que sob esse aspecto não representam nada, sabido como é que o pilriteiro só dá pilritos, mas pela intenção que as ditou, ou seja para que quando, falando ou escrevendo, aconselhamos o operariado, todo o operariado, a conjugar os seus esforços — a fim de que possa, por isso mesmo, tornar-se mais forte e mais apto — esse operariado não nos apanhe em contradição.

Alexandre VIEIRA

Muito amigos

De todos os lados da Câmara dos Deputados são unânimes as afirmações de que os regimes que pretendem adoptar em referência à exploração dos tabacos, só beneficiarão o pessoal das fábricas. São muito amigos do operariado, pelo que se vê, os senhores políticos. E' pelo operariado, e não pelos negócios que se concluiam na sombra, que eles se envolvem em tumultos vergonhosos. E' ainda por amor ao pessoal dos tabacos que eles mandam a guarda republicana dar aos operários e operárias, alguns bem velhinhos, coitados, para o seu tabaco...

Nós poderíamos viver, ao sol, na liberdade e na segurança, e vivermos mesquinhamente, transidos, no perigo de morte, porque estamos em guerra com o nosso próximo. — H. G. Wells.

A organização do trabalho por H. G. Wells

Eu não sei se um só entre nós percebe o que implicaria, para a nossa espécie, a organização sistemática do trabalho da inteligência humana no domínio da investigação científica. Fala-se das maravilhas de que a ciência nos dotou durante os dois últimos séculos, maravilhas de que a nossa desordem e a nossa parvoíce impedem de tirar todo o proveito possível. Mas o que a investigação científica produziu até hoje não é, sem dúvida, mais do que as premissas insignificantes do que poderá trazer à humanidade. Todo o conhecimento, que faz com que o nosso mundo de hoje seja tão diferente do tempo da rainha Isabel, é obra das muitas dezenas de milhares de homens, pobres na maioria, trabalhando nos seus raros momentos de ócio, com um material restrito, num mundo que os desanimava e os desconhecía. A centenas de milhares de homens, dotados de capacidades, que teriam sido do mais alto valor em trabalhos científicos, faltou a instrução, ou a ocasião de se servir dos seus dons. Num mundo iluminado pela inteligência, a rede da investigação científica mal deixaria escapar alguns poucos dos seus serviçadores natos, os resultados seriam comunicados o mais rapidamente possível de um investigador para outro, toda a capacidade seria imediatamente reconhecida e honrada. A infortunada ciência, que hoje vagueia no meio dos nossos crimes e das nossas desordens, como uma candeia de azeite mal limpa e mal cheirosa numa sombria caverna, em que homens, em via de baterem e de se baterem mutuamente, disputam a sua luz vacillante, a maioria das vezes para iluminar os seus actos de violência e de pilhagem, a pobre ciência tornar-se-ia então semelhante à aurora de um belo dia de verão. Não descorrimos o que a humanidade poderia realizar em pouco tempo. O nosso poder sobre a matéria, o nosso poder sobre a vida, o nosso poder sobre nós próprios, aumentaríamos ano a ano, dia a dia.

Ora, o conhecimento, o poder e a beleza, que nós, pobres vigilantes apressando a aurora, podemos já entrever, não serão mais do que o ponto de partida de tudo o que poderá surgir do seio destas trevas e destas torturas. A vida não será eternamente confinada a este planeta, prisioneira do vácuo gelado e inconcebível do espaço. Não se vê claramente, considerando tudo o que o homem conseguiu realizar a pesar dos obstáculos, que ele está apenas no começo das suas vitórias? Que brevemente, senhor do seu corpo e da sua vida, ele alcançará a sua vontade? Que brevemente colherá a alegria e a beleza, como uma donzela colhe flores e as entrança nos seus cabelos. Afirmou, doutor, que, se acabasse a concorrência industrial entre os homens, toda a modificação da espécie seria daí em diante impossível. Mas falou sem reflexão. Porquanto, quando uma vontade colectiva se tiver manifestado, os seres humanos não serão mais lançados cegamente na vida e não lutarão mais cegamente pela existência, como uma multidão amontoadá num beco sem saída. As qualidades que servem para os grandes fins da espécie serão favorecidas e sustentadas; far-se-á compreender aos homens e às mulheres, aos quais estas qualidades farão mais falta, quais são as restrições que lhes impõem, necessariamente, estes defeitos. Afirmou que, cessando a concorrência, o progresso cessaria também. Podemos afirmar, com mais razão, que será só quando os homens tiverem posto sobre as suas lutas mortificantes que a espécie poderá avançar a passo de gigante. Então crescerá uma para outra geração, e em beleza, de uma para outra geração. E não será de uma espécie humana que progredirá. O homem fará do mundo inteiro um jardim; senhor não só de si próprio mas também de todos os seres vivos, banirá da vida a crueldade, e torná-la-á há meios e imensuráveis. Fará desaparecer para sempre as moscas e os mosquitos, os espinhos e os venenos, os parasitas que empastam o seu sangue e as epizootias que caem sobre o seu gado. Tirará os átomos a sua energia e surpreenderá os segredos das profundidades do firmamento. Abrirá as portas da sua prisão e evadir-se-á há para o espaço. Saltará de estrela em estrela, como nós saltitamos agora de pedra em pedra para atravessar um rio, até que chegará à luz da presença divina e olhará de frente o adversário que troçava dele...

Uma educação que não exercita a vontade é uma educação que deprava as almas. E' preciso que o educador ensine a querer. — Anatole France.

Um gesto bonito

O conselheiro Alves Ferreira, que foi incumbido das investigações concernentes ao caso Angola e Metrópole e que afinal apareceu sob o aspecto inesperado de advogado do Banco de Portugal que falsificou as notas, nunca mais enviou à imprensa uma daquelas notas falsas — tão bonitas! — a que ele chamava modestamente notas officinas. Parece-nos, afinal, que a atitude de reserva do sr. Alves Ferreira se deve ao facto de, segundo nos consta, atender a um pedido secreto e afilativo que o Banco de Portugal lhe fez: não fabricar mais notas para não criar dificuldades ao tesouro, nem concorrência desleal ao nosso acreditado Banco emissor...

E vai o sr. Alves Ferreira — e não fez mais notas.

AVISO

Avisamos os nossos leitores de que em alguns exemplares do nosso número de hoje saiu no anúncio Ovosmaltine, inserto na segunda página, a morada errada, que após a rectificação que fizemos é a seguinte: Rua dos Correios, 41. 2.º

As rudimentares condições de trabalho dos fulistas sujeitam estes operários a uma existência torturante

A data de hoje que o proletariado comemora é a todos os títulos uma data de protesto. E' uma data de protesto contra as condições económicas em que vive e é uma data de protesto contra as condições de trabalho a que o sujeitam.

O operariado contemporâneo vive em muitas indústrias uma situação degradante no que concerne às condições de labor. O operariado contemporâneo é ainda a vítima dos rudimentaríssimos processos de fabrico que o torna a verdadeira besta.

Poderíamos citar inúmeros exemplos, poderíamos fazer correr por este ecran mil e mais motivos que reforçariam a nossa tese.

Por agora contentemo-nos focando em fortes pinceladas as condições de uma classe, cujos processos de trabalho não destoam dos primitivos.

Referimo-nos à classe dos chapeleiros, por quem o público tem uma glacial indiferença.

Os artigos fabricados por estes humildes obreiros, e que tanta cubição nos despertam quando os avistamos nas montras das chapelarias, antes de constituírem parte do nosso vestuário foram objecto de muitas canseiras.

O chapéu de que nos habituamos a desdenhar e a considerar a coisa mais simples do mundo, quando vai para a nossa cabeça já o operário derramou sobre ele copiosas gotas do seu suor.

Vimos há dias, pela primeira vez, o fabrico dum chapéu. Confessamos: as nossas impressões não podem ser mais condenatórias do sistema de trabalho desses miseráveis que vim discretamente num mundo de oprobrio.

A visita realizou-se à fábrica da rua Guilherme Braga, pertencente à Cooperativa de Produção dos Operários Chapelleiros «A Social», e do seu resultado vamos dar aos leitores uma pálida ideia.

A fábrica da rua Guilherme Braga destina-se ao que em gíria profissional se denomina lula. E' um subterrâneo, aposto de acanhadas dimensões, proscrito de toda a alegria. E' o que as condições da «Social» permitem que seja.

No seu ventre há quatro especialidades de chapeleiros conhecidas pelas designações de fulistas, arrazadeiras, arcador e afuradeiras. A cada um destes operários está adstrita uma função, por sinal bem ingrata.

Penetremos agora no âmago da profissão. O pélo que constitui o chapéu passa pelo Rebatedor que o separa, entra na Sulfurosa, que o joieira, e entra no Arco onde se forma numa pasta.

Até aqui a violência do trabalho ainda se não fez sentir de uma maneira a provocar calafrios. Apenas se nota uma espessa atmosfera que causa uma lenta intoxicação nos operários que exercem aquele mistério.

Depois do Arco o chapéu avança para a oficina da fula. Dois taboleiros, espécie de tanque circular, com água fervente a uma temperatura de 70 graus, a qual contém uma percentagem grande de ácido sulfúrico, esperam o momento em que o fulista faça submergir o chapéu que começa agora a adquirir o seu verdadeiro formato.

E num movimento ininterrupto o operário, com auxílio de duas sapatilhas e uma roleta, durante cerca de duas horas molha e pucha aquela pasta até atingir o tamanho desejado.

Esse exercício, violento pela força a que obriga o operário, determina constantes queimaduras e um grande atrofamento dos principais órgãos respiratórios do executor, pela posição que é obrigado a manter.

Dali o chapéu transita para as arrazadeiras, que ficam arrazadas com o esforço dispendido, e chega afinal à chapalaria onde o apropriador à força de ferro consegue dar-lhe a forma que tanto apreciamos.

Tanto os fulistas como os apropriadores têm uma função que lhes rouba o melhor da sua existência: a saúde.

E' uma percentagem de 70 % que morre tuberculosa, devido às condições de trabalho e às miseráveis condições económicas que disrutam.

Todavia, se perguntássemos aos causadores desta existência dolorosa a razão da arrepiante percentagem a que nos acabamos de referir obteríamos a resposta seguinte: — Não é o trabalho que os mata...

A manifestação internacional dos trabalhadores

E' hoje mais uma vez que o proletariado de todo o mundo cruza os braços fazendo cessar o trabalho em todos os centros de produção, não para comemorar a passagem duma data festiva, mas sim para recordar a horripilante tragédia de Chicago, em 1887, data essa que teve o seu baptismo no sangue generoso das centenas de camaradas que caíram varados pelas balas assassinas do banditismo americano, só porque esses escravos do país dos miliaórios, pretendiam conquistar mais um pouco de pão e de descanso.

Mas se essa terrível hecatombe teve a cruel desdita de trazer o luto e a dor ao seio das classes trabalhadoras, teve também o condão de fazer erguer altivamente as mesmas classes que, num gesto de justificada revolta, abandonam o trabalho neste dia, demonstrando assim à caterva dos improdutos que, no dia em que a grande família operária compreender que deve fazer paralisar toda a actividade produtiva e reivindicar os seus direitos, será nesse dia a derrocada do edifício burguês, soterrando nos seus escombros todas as castas privilegiadas.

Porém, se o 1.º de Maio marca no calendário uma data vitoriosa das classes produtoras, visto ter a alicerçá-lo a declaração da greve geral na América, em 1886, para a conquista da jornada de 8 horas, teve também a cimentá-lo o sangue dos mártires de Chicago, não podendo, porisso, ser considerado um dia de festa, como falsos apóstolos do operariado lhe têm querido fazer acreditar, para desvirtuar o seu significado revolucionário.

O verdadeiro dia de festa para todos os que trabalham será, sim, aquele em que eles, quebrando as algemas da escravidão, derrubem todo o existente e conquistem a sua completa emancipação.

Até lá, o 1.º de Maio, pondo de parte as suas procissões com imagens e andores; qual festa pagã, deverá ser um dia de afirmações ativas das classes trabalhadoras preparando o futuro libertador.

Queluz — 1926.

F. Nunes SCHEIDECK ER

Um passado que não quer morrer

Quem encara o formidável espectáculo que todo o mundo nos oferece, nota que duas grandes correntes, de ideias opostas, se preparam, se aprestam para a terrível luta, da qual uma delas sairá vencedora.

Uma, na ânsia de Liberdade e Progresso, tende para uma perfeita igualdade dos homens, para um grande amor fraternal, para a união dos seres humanos para um mesmo fim: Trabalho, Beleza e Arte.

Esta corrente conta já os seus mártires — dos quais são uma lídima expressão de sacrifício os torturados de Chicago, que tão nobremente souberam interpretar o pensamento libertário.

A outra, pelo contrário, é subjectiva, egoísta, conservadora das hierarquias, nacionalista, patriótica e guerreira.

A primeira traduz o anseio da libertação da Humanidade; a segunda exprime toda uma reacção dos adoradores do Prétérito, modernamente conhecida por fascismo.

Do fascismo e seus métodos de combate, já muito se tem falado e escrito, sendo inútil, portanto, repetir o que está dito e redito.

Não queremos, porém, deixar de constatar que esse fascismo representa um grave e constante perigo para as liberdades já hoje adquiridas.

Urge eliminá-lo!

Mas para o eliminar que fazer?

Quanto a nós achamos que o meio mais lógico é prepararmos-nos revolucionariamente, e em vez de fugir ao perigo com discursos e protestos platónicos, que a força de serem repetidos se vão tornando ridículos, devemos procurar o inimigo, provocar mesmo a sua saída para se lhe dar então a batalha decisiva.

E isto conseguí-lo hemos; a questão é que o queiramos.

Unamo-nos todos os que desejamos uma transformação num sentido de maior liberdade social, e veremos depois se constituímos ou não uma força indomável capaz de fazer recuar nos seus propósitos tenebrosos todas as nuances representativas do ultramontanismo que pretende dominar-nos.

Que a data que o operariado de todo o mundo hoje comemora — dia de revolta, de dor e de luto — sirva de incentivo poderoso para essa união, eis o que preconizamos ardentemente desejamos.

Coimbra.

Arnaldo S. JANUÁRIO

A instrução, ah! sim! mas a instrução total, desembaraçada da hipocrisia e da mentira, e que liberte, patenteando toda a verdade! — Emilio Zola.

Pensar é sofrer, alumiar é lutar. A noite, ao succumbir, luta com a madrugada, e deixa-lhe a chaga incurável do Sol: dela escorre a luz. As superstições, os preconceitos, os erros, os prejuízos, as fatalidades, lutam com a alma, e deixam-lhe a ferida insana: dela escorre a verdade. — Eça de Queirós.

O SINDICALISMO EM MARCHA

Na última sessão do Congresso das Juventudes Sindicalistas foram aprovados protestos contra o Alto Comissário de Moçambique e votadas saudações à A. T. C. G. T., "Batalha" e presos sociais

Eram 21 horas quando reboou na sala das sessões de um dos organismos do burgo misterioso a voz do delegado do Núcleo do Porto, António Inácio Martins, anunciando a abertura da oitava e última sessão do Congresso Juvenil.

Na mesa, secretariado, os delegados da comissão organizadora e do comité federal, respectivamente, Germinial de Sousa e Luis Costa.

O presidente, depois de preferir algumas palavras de conselho aos presentes para que os trabalhos decorram com elevação, deu a palavra a José dos Santos, que leu ao Congresso o "Parecer sobre as bases orgânicas da Federação das Juventudes Sindicalistas".

Emílio Santana, o primeiro dos delegados a pronunciar-se sobre o Parecer, requereu que as percentagens demarcadas no preâmbulo sejam relegadas para a discussão das teses.

O orador defende em seguida a seguinte moção, que envia para a mesa, a qual tem as seguintes conclusões:

1.º Os Núcleos serão agregados de secções mistas por área, gozando estas duma certa autonomia que compreenderá a propaganda, a educação juvenil e movimento administrativo, sendo os seus componentes simultaneamente das assembleias gerais do Núcleo, que têm o fim de discutir os assuntos gerais do organismo local e as assembleias sectionais de assuntos de acção juvenil correspondente à área.

2.º Esta autonomia não corresponde a uma independência sua, mas corresponde a uma descentralização da acção juvenil, devendo as secções ter o máximo contacto com os Núcleos a que pertencem.

3.º Os Núcleos ao constituírem-se, deverão submeter ao estudo da Federação os seus estatutos para os observar se estão em harmonia com os princípios gerais das Juventudes Sindicalistas.

A discussão começa a animar-se

Bernardino Xavier lembra aos delegados presentes que dentro dos seus organismos sejam o máximo escrupulosos na escolha de delegados ao Conselho Federal, escolha que deve apenas recair nos indivíduos de reconhecida competência e que tenham dado provas de assiduidade nos lugares já ocupados.

Seguidamente foi aprovado o preâmbulo do Parecer entrando-se na discussão das bases.

Nesse sentido falou, em nome do Núcleo do Porto, Lúcio Ferreira da Silva que propôs a seguinte emenda:

"No artigo 1.º, na parte em que diz *com sede em Lisboa*, para que seja substituída pelo seguinte: *com sede em local que oportunamente se julgar necessário*."

Bernardino Xavier concorda com esta proposta.

António Joaquim Pato é de opinião que a sede da Federação seja em Lisboa.

Jorge Mateus aplaude a proposta do Núcleo do Porto, que é em seguida aprovada com o artigo 1.º das bases.

Aprovados os artigos 2.º e 3.º, discute-se o artigo 4.º.

É vivamente discutida a representação dos núcleos no conselho federal

Maria Júlia de Almeida, do Núcleo do Porto, propõe a seguinte emenda:

"No artigo 4.º deverá desaparecer os delegados por secções."

Pelo Núcleo do Barreiro falou Bernardino Xavier que mandou para a mesa a seguinte proposta:

"Propomos para que no artigo 4.º onde se lê *seleção formada por 3 delegados directos ou indirectos* se passe a ler *formado por 1 ou 3 delegados directos ou indirectos*."

José dos Santos explica o motivo porque se defende a representação de 3 delegados por cada núcleo.

Lúcio Ferreira da Silva diz que não há motivo para se fazer questão aberta da representação, pois ela será de 1 ou 3 delegados directos ou indirectos.

António de Sousa refere-se à representação no Conselho Federal, dando o seu voto à proposta do Núcleo do Barreiro.

Os 5.º, 6.º e 7.º artigos foram aprovados.

Em nome do Núcleo do Porto, a camarada Maria Júlia de Almeida apresenta a seguinte emenda:

"No artigo 8.º deve acrescentar-se-lhe o seguinte:

1.º. Quando qualquer núcleo discordar de alguma resolução do Conselho Federal, pode reclamar por intermédio de um referendado dirigido aos núcleos pelo Comité Federal. Aprovado, e o artigo 9.º.

Ao artigo 10.º foram propostas as emendas que seguem:

De autoria do Núcleo do Porto:

"Ao artigo 10.º que se lhe acrescente um parágrafo assim redigido:

Unico—Desde que dois núcleos aderentes reclamem uma reunião extraordinária do Conselho e enviem a ordem dos trabalhos por escrito, os secretários deverão convocá-la no período máximo de 15 dias."

De autoria de Emílio Santana:

"Ou a pedido de um terço de delegados."

Sobre o artigo 11.º falaram António de Sousa, Bernardino Xavier e Emílio Santana, sendo aprovado sem alteração.

Lúcio Ferreira da Silva, falando sobre o artigo 12.º, propôs:

"Do artigo 12.º deve ser excluído o parágrafo segundo, passando o primeiro para único."

Emílio Santana propôs uma alteração ao artigo 12.º e seu parágrafo, a qual advogava a seguinte constituição do comité federal: Secretário geral, da Zona Norte, da Zona Sul, administrativo, tesoureiro, das relações internacionais, de administrativo de "A Despertar" e da Caixa de Solidariedade.

O proponente fixava para cada um destes cargos as respectivas atribuições.

Combatendo esta proposta, que foi bem defendida pelo seu autor, falaram José dos Santos, Inácio Martins e Adriano Pimenta.

Uma proposta que liquidava a discussão.

António de Sousa, depois de uma interessante defesa, manda para a mesa a seguinte emenda ao parágrafo 1.º do artigo 12.º.

"Do parecer da Comissão Organizadora sobre as bases orgânicas."

Ao secretário geral compete assinar todos os documentos e correspondência de

carácter geral, ao secretário adjunto compete tratar da correspondência da região portuguesa e substituí-lo na sua falta, etc."

Aprovada a emenda de António de Sousa ficou prejudicada a proposta de Emílio Santana.

Discute-se agora o artigo 16.º do capítulo IV.

Lúcio Ferreira da Silva, do Núcleo do Porto, propõe que esse capítulo ficasse assim redigido:

Artigo 16.º—A fim de facilitar o envio de delegados às várias localidades no sentido de fazer propaganda e promover a organização de núcleos de juventudes sindicalistas, serão constituídas secções federais de propaganda no Sul, Centro e Norte que terão a seguinte missão:

a) Promover metódicamente "tournées" de propaganda pela província sempre que o seu estado financeiro o permita;

b) Manter correspondência com organismos operários e libertários, bem assim com camaradas da província no sentido de se organizarem núcleos juvenis;

c) Coadjuvar os camaradas que se propõem constituir os núcleos;

d) Tomar parte em todas as manifestações operárias ou libertárias fazendo sempre ressaltar a razão das J. S.

Art. 17.º—As secções federais de propaganda serão compostas por cinco membros nomeados no Congresso cujos cargos serão: secretário geral, secretário adjunto, secretário administrativo, tesoureiro e um vogal.

É único, na região onde estiver instalada a F. J. S. ficará a propaganda a fazer a cargo desta.

As emendas sucedem-se umas às outras

José dos Santos e Emílio Santana apresentam também emendas ao capítulo IV.

José dos Reis Sequeira, do Núcleo de Silves, considera completamente impossível, no Sul, a criação das secções de propaganda.

José dos Santos contesta a opinião do antecedente orador, afirmando que se não é possível conseguir-se hoje esse desejo não quer dizer que ele não venha a realizar-se.

Emílio Santana entende que as secções federais devem ter as suas sedes na localidade onde esteja a Federação.

Inácio Martins e António de Sousa falam também sobre o capítulo IV, apresentando este último mais uma emenda.

José Pedro Lourenço requereu a imediata votação das emendas propostas pelo núcleo do Porto, sem prejuízo dos oradores inscritos.

Pronunciaram-se ainda vários delegados, sendo depois aprovado o capítulo proposto pelo núcleo do Porto, e por esse motivo prejudicados todos os outros documentos.

A discussão incide agora sobre o artigo 19.º, que trata das percentagens com que os núcleos contribuem para a Federação.

Emílio Santana na proposta que segue expõe o seu pensamento:

A cota federal será de \$15 assim distribuídos:

a) \$05, para a caixa de solidariedade;

b) \$05, para o expediente e acção geral da Federação;

c) \$05, para publicações e órgão na imprensa.

Do mesmo delegado:

"O parágrafo único passará para primeiro e o 2.º ficará com a seguinte redacção:

"Os núcleos ao aderirem deverão enviar ao estudo do Conselho Federal um exemplar dos seus estatutos."

Por sua vez os delegados do Porto mandam para a mesa a seguinte proposta:

"O artigo 17.º que virá a ser o 20.º deve ter a seguinte redacção:

"Cada núcleo contribuirá para a F. J. S. com a cota de \$15 por filiado e por semana, que será assim dividida:

a) Para administração e expediente, \$03;

b) Para propaganda e organização, \$04;

c) Para a secção editorial da F. J. S., \$03;

d) Para fundo especial, \$05."

António Joaquim Pato propõe que, ao exposto pelo núcleo do Porto quanto à cotização, seja aumentada para \$10 para a cota de solidariedade.

MARIO MACHADO

R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

A cristandade, depois de a ter usado como labor, usa-a como enfeite. A cruz é broche, a cruz é berloque; pendu nos colares, filinta nas pulseiras; é gravada em sinetes de laque, é incrustada em botões de punho; e a cruz, realmente, neste soberbo século, pertence mais à Ourivesaria do que pertence à Religião.—Eça de Queirós.

Inquilinato

Consultas gratuitas sobre inquilinato, às terças e quintas-feiras, das 11 às 12 horas; aos sábados, das 10 às 11 horas.

Encarrega-se de depósitos na Caixa Geral, cobrança de rendas e todas as questões que lhe digam respeito, o escritório de advocacia e procuradoria na Rua do Carmo, n.º 43, 1.º, frente

ARMANDO CRESPO & C.ª

Rua do Crucifixo, 118 a 124

Lisboa

TIVOLI

Telef. II. 5474

A'S 9 horas

PENULTIMA EXIBIÇÃO

PIRANDELLO

Encenado por L'HERBIER

interpretado por MOSJOUKINE

Três grandes nomes e um grande filme

O DEFUNTO PASCAL

Dois cine-fargas—Uma revista de actualidades

O DEFUNTO PASCAL começa a passar às 9 e 40

AMANHÃ—Matinée às 3 horas

Teatro Nacional

Telefone N. 3049]

HOJE—A's 21 horas—HOJE

O maior êxito da actualidade

A peça de mais flagrante oportunismo

Espectáculo sensacional

A dança da meia noite

ESTANCIAS DE MADEIRAS

SEDE: Rua 24 de Julho, 40

SUCURSAL: T. das Mónicas, 65, à Graça—Lisboa

Depósitos em Xabregas

Telef.: MADEIRAS—LISBOA—Telefone: 937 C.

João Leal & Irmãos, sucessor João Leal

Preços

(Incluindo todos os impostos)

Frizas 40\$00

Camarotes 40\$00

30\$00 e 20\$00

Fauteuils 10\$00

Superiores 6\$50

Geral 4\$00

Varandas 3\$00

As sessões comemorativas

do 1.º de Maio

A Confederação Geral do Trabalho faz-se

representar nos comícios e sessões abaixo

mencionados pelos seguintes camaradas:

Aljustrel.—Artur Cardoso.

Barreiro.—José dos Santos Cadete.

Beja.—Delfim de Sousa Pinheiro.

Castelo Branco.—Saul de Sousa.

Fafe.—Delegação Confederal do Norte.

Fonte.—Faustino Ferreira.

Gouveia.—Carlos Coelho.

Juramenha.—António Marcelino.

Lamego.—Alfredo Pinto.

Montemor-o-Novo e Saborro.—José Gonçalves.

Peniche.—Jaime Tiago.

Porto.—Santos Arranha.

Portimão.—Virgílio de Sousa.

Pessoal dos Matadouros de Lisboa.

Sebastião Marques.

São Bartolomeu de Messines.—Manuel Henriques Rijo.

Vendas Novas.—João de Almeida.

Guarda.—Alberto Dias.

Covilhã.—Quirino Moreira.

Elvas.—João de Sousa.

Marinha Grande e Vieira de Leiria.

Manuel Nunes e Ferreira da Silva.

Fronteira.—Daniel Francisco.

Sines.—Emídio Santana.

Terrugem.—José dos Santos.

Evora.—António Monteiro.

Almada.—Barros Guimarães.

Setúbal.—Ernesto Bonifácio.

Lisboa.—Silva Campos.

A Câmara Sindical do Trabalho

promove hoje um comício

no parque Eduardo VII

Promovido pela Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa realiza-se hoje, no parque Eduardo VII, um grande comício, pelas 16 horas.

Neste comício farão uso da palavra os camaradas que seguem:

Silva Campos, pela C. G. T.

Alexandre Rosado e Artur Aleixo de Oliveira, pela Câmara Sindical do Trabalho.

António Costa, pela Federação do Livro, do Jornal e Similares.

Mário Castelhanho, pela Federação Ferroviária.

Alfredo Lopes, pela Federação da Construção Civil.

Uma aliança

Hoje, Primeiro de Maio, inicia-se em Inglaterra uma formidável luta operária que não sabemos até onde chegará. O patronato das minas resiste aos mineiros. Os mineiros, porém, cujo trabalho representa a vida daquele poderoso país, não estão dispostos a deixar-se explorar. Os mineiros percorram estas linhas, não se extraia um bago de carvão das minas inglesas, não circule um comboio, nem se carregue um navio na Grã-Bretanha. O monstro—o imperialismo inglês—pode, num minuto, morrer de fome de três classes, adormecer e tornar-se tão inofensivo para o mundo como uma criança de peito.

"A BATALHA" no Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

TEATRO APOLO

Emp. Ruas—Telef. N. 4929

HOJE E TODAS AS NOITES

o célebre drama

Os milhões

DO

criminoso

PROTAGONISTA:

Rafael Marques

HOJE E SEMPRE

FOOT-BALL

NO TEATRO

MARIA VITÓRIA

com o seu novo

FADO

de Venceslau Pinto

Mais um ano de luta

Chegámos finalmente ao primeiro de Maio de 1926, visto que, se bem que uma parte do operariado tenha vindo a combater as iniquidades desta sociedade parasitária e sanguinolenta, nem por isso se observa que a despeito de tantas carências e sacrifícios de toda a ordem, mórmente por parte dos militantes, a classe operária tenha conseguido usufruir mais liberdade, mais bem estar e mais pão, do que conseguiu até ao primeiro de Maio de 1925.

Nunca como presentemente se atravessou assim, uma vida tão angustiosa.

A crise de trabalho que vem de desenvolver-se assustadoramente, e que qual doença epidémica ataca a humanidade, tem penetrado nos lares produtores, especialmente nos da Construção Civil, reduzindo-os à mais crua miséria.

E' certo que o operariado, embora trabalhando, nunca conseguiu uma vida regular e um bem-estar relativo, pois que tem vivido sempre rodeado de privações e miséria em virtude da desigualdade social a que secularmente tem estado sujeito, através duma sociedade em que a opressão e a iniquidade têm sido apanágio do parasitismo capitalista. Porém, se o operariado secundasse o esforço dos seus militantes, ingressasse em massa nos seus organismos de resistência e agisse activamente no sentido de arrancar a esta sociedade tudo a que tem direito incontestável, certamente, que não se encontraria numa situação tão deplorável, como a que atravessa presentemente.

E' que a crise de trabalho não tem razão de existência, especialmente no que respecta à indústria da Construção Civil, posto que só em Lisboa se encontram paralisadas as obras de 247 prédios em construção iniciada. Outro tanto sucede por esse país fora, onde tudo se encontra paralisado, não obstante o operariado não ter em que empregar a sua actividade. Há muitas propriedades particulares que carecem de obras, mas também há muitos edifícios do Estado e camarários que se encontram num estado lastimoso. Porém, a despeito deste facto, a crise alastra-se cada vez mais e o operariado da respectiva indústria e das indústrias subsidiárias continua lutando com a mais revoltante miséria em virtude da falta de trabalho. Por vezes, mas em vão, os organismos da Construção Civil têm reclamado do Estado medidas atinentes ao atenuamento da crise de trabalho.

Para mais fácil solução de tão magno problema, se tem indicado a vários governos a maneira mais viável de se conseguir o desenvolvimento do trabalho, na indústria a que vimos de nos referir. Porém, até hoje pouco ou nada se tem conseguido, porque infelizmente o operariado se não tem disposto a opor-se decididamente contra os causadores da sua miséria, nem a opor um dique à falta de trabalho, e muito menos se dispõe a organizar a sua defesa contra a mais vil exploração que tudo perverte e arquiela. O que se deseja é passar a vida de qualquer maneira, com o menor sacrifício possível.

Podem aparecer medidas repressivas de toda a ordem e impostos especulativos, como o que a Câmara Municipal presentemente nos pretende impor, referentemente às janelas existentes em cada habitação.

Pode aumentar o quadro de miséria nos seus lares, a falta de abrigo e conforto, que o operariado já mal modificará, ao que parece, a atitude indiferente que criminalosamente tem mantido nestes últimos tempos, não se disposto a fazer terminar com tão penoso e vexatório sofrimento.

Mas em compensação, e a pesar de tudo, não falem festas, até mesmo religiosas, porque é ver como imediatamente se esquece todas as misérias e todas as torturas de um sofrimento secular.

Se não fosse uma pequena minoria de lutadores conscientes e audazes que se esfalfam e arruinam sua existência em benefício daqueles que fingem não sentir o peso brutal e férreo do capitalismo, certamente que a sua miséria e o consequente mal estar mais ainda aumentaria.

Chegámos, pois, ao Primeiro de Maio de 1926 e, certamente, estão ainda gravadas na memória do povo trabalhador todas as vilanias cometidas pelo já célebre "reinado democrático", durante o ano de 1925. Sim, não será fácil termo-nos esquecidos das prisões em massa de operários honestos e na sua maioria certamente inocentes, os quais foram conservados nas esquadras policiais mais de seis meses sem culpa formada; dos fusilamentos que, cora e selvaticamente, se fizeram pela calada da noite; dos barbaros espancamentos aos presos nas esquadras e nos calabouços do Governo Civil; das desumanas deportações sem julgamento de dezenas de camaradas nossos para as longínquas paragens africanas e até, ultimamente, as selvagens cometidas pelo despota Azevedo Coutinho, contra os heróicos grevistas de Lourenço Marques.

E é recordando todo este sudário de infâmias, que nós córamos de vergonha ante o indiferentismo daqueles que fingindo ao sacrifício e pensando apenas em si, negam a indispensável solidariedade às vítimas que estão sofrendo atrozmente as dores morais e materiais que os martiriza.

Pretende-se revogar a lei de 8 horas de labor forçando os trabalhadores a produzir, dez e doze horas, por dia, com um salário menor aquele que actualmente se auferre. Se bem que ao operariado da Construção Civil, lhe não tivesse sido necessária a lei para obter tal regalia, posto que, com energia e altivez a soube conquistar pelo seu próprio esforço num belo e bem orientado movimento grevista, realizado em Abril de 1916, nem por isso, deixará de frizar a sua conquista, se ao contrário da indolência e falta de acção em que se tem mantido, se não se agitar para a defender, ainda que revolucionariamente.

Estão, pois, em perigo todas as regalias e ameaçadas as poucas liberdades que o operariado com tanto sacrifício soube conquistar. Toda esta acção perversa do capitalismo não é mais do que o fascismo em marcha, que, estendendo as suas garras adúncas e ominosas, pretende esmagar todas as aspirações populares. Em face da ameaça torna-se necessário que o proletariado acorde do sono letárgico em que se tem mantido e volte a ingressar nos seus organismos sindicais disposto a defender o pão de cada dia, as suas regalias e liberdades conquistadas, e com fé no futuro continue lutando sem desfalecimentos até conseguir acabar com o predomínio burguês, derrubando para todo o sempre o velho e já carcomido edifício social.

Oxalá este nosso modesto arrazoado lhe sirva de incentivo, dispondo-o para a luta, e que quando chegarmos ao 1.º de Maio de 1927 nós tenhamos conquistado tudo a que temos incontestável direito.

Uma acção que deve ser constante

Uma data é sempre o reviver dum facto. Uma época representa necessariamente a actividade de todas as épocas que a precederam.

Há muitos anos se comemora a data do 1.º de Maio, no sentido do proletariado compreender o seu significado revolucionário. Cada ano que passa nova etapa a percorrer em prol da emancipação da humanidade. Vem de tempos longínquos a solemnização deste dia—festivo ou revolucionário!

O malho, a bigorna, a charrua e a enxada repousavam, associando-se à comemoração; os teares paralizavam; os campos não recebiam a saudação do camponês; o labor dos artistas não se fazia sentir. Uma vez por ano o esforço cotidiano e brutal despendido pelos escravos amenuçava, e a miséria permanente que residia nos seus lares cobria-se com o manto da fartura... Os patrões procuravam satisfazer-lhes as reclamações, para que nesse dia a alegria reinasse entre eles. Faziam-se lhes concessões melhorando condições económicas.

Decorreram anos. A mentalidade operária evoluiu. Passou o tempo em que os homens, na sua grande maioria, nasciam, viviam escravos e outro ideal não possuíam além duma mudança de escravidão. Nunca lhes vinha à ideia que «um homem vale outro homem». Actualmente sabem-no e compreendem que esta igualdade virtual dada pela evolução deve desde já mudar-se em igualdade de facto, graças à revolução, ou antes às revoluções incessantes.

Os trabalhadores instruídos pela vida, são mais versados do que os economistas de profissão nas leis da economia política. Não se importam com minúsculas iniciais e vão directamente ao coração das questões, querendo saber, a propósito de cada reforma, se, sim ou não, ela assegurará o pão. As diversas formas de imposto, progressivo ou proporcional, olham-nas com frieza, porque não ignoram que, no fim de contas, todos os impostos são pagos pelos mais pobres. Sabem que para a grande maioria d'elles funciona uma lei de bronze, que sem ter o carácter fatal e inelutável que lhe atribuíram outrora, nem por isso deixa de representar para milhões de homens uma terrível realidade. Em virtude desta lei é ainda o faminto condenado, por sua mesma fome, a ter de aceitar, em paga do seu trabalho, uma razão miserável. A dura experiência confirma diariamente esta necessidade que provém do direito da força.

Um problema profundo começou apaixonando a multidão que se definia permanentemente, nos ergastilos do trabalho: a jornada das 8 horas. O congresso de Chicago de 1884 deliberou que tivesse início no dia 1.º de Maio de 1886 uma greve geral por esse fim. Foi assinalado esse formidável movimento reivindicador pela morte de alguns operários e pela prisão de muitos outros.

De então, essa data foi considerada como de protesto, de revolta e de dor, por todos quantos baqueavam na luta contra o patronato, Estado e Autoridade. O protesto é universal. O efeito festivo foi desaparecendo e substituído pelas reclamações dos proletários aos detentores da propriedade e dos instrumentos de trabalho. O proletariado mundial tem na data do 1.º de Maio o início das suas reivindicações. Mas isso não quer dizer que ponho de parte qualquer oportunidade para fazer vingar uma igualdade que o interesse. Não deve estar sujeito a guardar só para esta ocasião o fermento de revolta ou protesto contra uma tirania, ou demonstrar vitalidade orgânica. Não! Para os que mourejam o pão numa labuta diária, empregando a sua energia em proveito da colectividade não necessitam esperar que desponte o 1.º de Maio, símbolo da emancipação proletária. Todos os dias têm o seu significado; que cada um represente, pois, uma conquista de bem-estar, uma parcela arrancada aos senhores!

Somos daqueles que entendem que o proletariado não deve aguardar a comemoração do 1.º de Maio para apresentar as suas reivindicações ao patronato ou ao Estado, mas sim estudar tudo que lhe diga respeito e lutar com energia para tornar em facto os seus desejos de melhorar as condições de vida. Que cada classe e indivíduo vá compreendendo o seu lugar na sociedade, de forma a saber qual a função que exerce na oficina ou no campo, visto que hoje não podem viver desses meios porque o patronato lho impede. Os meios a adoptar para que esta situação desapareça devem ser estudados com dedicação e inteligência. Depende duma boa conjugação de esforços para que os seus resultados sejam benéficos.

Os militantes operários devem preo-

cupar-se com as questões sociais e por sua vez exporem-nas aos trabalhadores, no intuito alevantado de interessá-los no conhecimento da verdade, em face da exploração burguesa. Temos a convicção de que quando o espírito de reivindicação penetrar bem na multidão dos assalariados, o mais simples acontecimento poderá abalar profundamente a sociedade actual nos seus alicerces e determinar uma transformação na sua estrutura. Uma farsa pode provocar uma explosão.

A data do 1.º de Maio é como uma chama incandescente... um dia pode alastrar imprevisivelmente e trazer vantagens consideráveis aos trabalhadores organizados. A força das coisas, isto é, o conjunto das condições económicas, fará certamente por uma ou por outra coisa, a propósito de qualquer facto sem importância, uma das crises que apaxionam mesmo os indiferentes, e veremos subitamente jorrar essa imensa energia que se armazenou no coração dos homens pelo sentimento violado da justiça, pelos sofrimentos inextinguíveis, pelos dardos insaciáveis. Cada dia pode trazer uma catástrofe. O local, um morticínio fortuito, uma greve local, um morticínio fortuito, podem causar uma revolução. É que o sentimento de solidariedade aumenta sempre e todo o estrequecimento local tende a abalar a humanidade.

A paralização do trabalho no 1.º de Maio não deve ser tomada por uma folga, mas sim com o fim de obter regalias, reivindicações de carácter moral, profissional, higiénico e material ao patronato e ao Estado.

Enquanto não conseguirmos ver satisfeitas reclamações já formuladas, tenhamos em mente:

*Pária da oficina,
Forçada da mina,
Ilota do campo,
Povo, és forte: tem valor!
Toma a máquina, obreiro!
Toma a terra, cavador!*

Carlos José de SOUSA

Novum Organum

(Diálogo num expresso)

(Linha do Norte. Carruagem de 1.ª. Três passageiros — Na planície agricultada, um camponês suspende a faina, olhando fixamente o trem que vaa...)

—Aquele camponês tem o ar pimpão de quem está dizendo: «Malandros! sou eu que vos sustento!».

—Ao que nós poderíamos responder: «Mas somos nós quem te governa e contém, pobre selvagem».

—Não é bem isso, observou o terceiro. Tanto ele como nós, o que de continuo procuramos é o equilíbrio entre duas correntes, opostas e contrárias: a do gemendo e obedecendo — se é que ainda geme e obedece — mas com saúde, alegria e músculo; nós, gosando e dominando — se é que ainda dominamos — mas sem alegria, sem estômago, sem nervos, de que resultam, para nós, aborrecimentos, impaciências, desilusões e bilis, e para ele abundantes pretextos para filosofar e ter razão.

—E' um inconsciente...

—Sim? Mas, amanhã, enfrentados, nós procuramos salvar a pele, fugindo, e ele fica, embora com a pele furada. E sabe porque?

—Não sei...

—Porque ele, o tal selvagem, o que aí ficou atrás, encostado à enxada, a comentar-nos para os seus companheiros, dá a pele todos os dias, ao sol, à chuva e ao vento, na luta pelo pão; e quem a deu cem vezes, pode dá-la cento e uma. Ao passo que nós, plantas de estufa, fugimos com a nossa de tudo o que a pele beliscar. Até do sol, que o faz a ele, assim, tão corado, robusto, alegre e arrogante.

(E o silêncio voltou, pesado e longo.)

Tomás da FONSECA

O verdadeiro significado do 1.º de Maio

Ainda há, desgrazadamente, quem suponha que o 1.º de Maio é uma páscoa operária, comemorando-se a passagem do triunfo do trabalho, como os católicos costumam comemorar a passagem do triunfo da sua religião e, portanto, da sua prepotência. Trata-se mesmo de restaurar essa crença — intensificando-se este ano os incongruentes festejos de outrora...

Se, porém, condenamos absolutamente a comemoração do triunfo do Trabalho que não existe, visto que o que se nota é a vitória da Tirania e da Escamoteação, não podemos também concordar que julgemos que o 1.º de Maio é originário apenas da tragédia de Chicago, das brutalidades policiais da praça Haymarket e do enforcamento de quatro anarquistas, do suicídio de um militante, da condenação a prisão perpétua de dois mártires e a 15 anos de uma outra vítima — 8 honestos propagandistas revolucionários sacrificados em holocausto por cada hora constante das reclamações de menos sofrimento nas fábricas e oficinas...

Dar uma tão reduzida paternidade espiritual ao 1.º de Maio, é ofuscar a sua verdadeira latitude revolucionária em todos os tempos, concedendo-se-lhe simplesmente uma cruz de efeméride no dia santo proletário...

O 1.º de Maio tem o seu Ascendente e a sua Posteridade. Entre as duas situações encontra-se o Presente — o desenrolar sangulento das ingentes lutas actuais, o representar negro, sinistro, dos actos de miséria, de fome, de torturas que temos o dever de combater-las com uma tenacidade apropriada ao ambiente e à época.

O Ascendente do 1.º de Maio, que é uma manifestação enérgica pela liberdade e pelo bem estar de todo o ser humano, encontrámo-lo, tanto nas subleções dos escravos da Trácia ou da Ática, da Lacônia ou da Sicília, como nas insurreições espartaquistas, na queimada agrária dos Gracchos ocorridas no velho império romano.

O 1.º de Maio descobrimo-lo, tanto nos terríveis anátemas dos primeiros chefes da igreja em rebelião aberta contra a opotência dos ricos, como na arte de Miguel Angelo ou de Leonardo de Vinci, como no riso zombeteiro de Rabelais, na tolerância de Erasmo, no livre-pensamento de Dolei. Podemos vê-lo na *Aulazana* de Plauto, ou na *Basilíada* de Morelly; na *República* de Platão ou na *Utopia* de Tomás More; na *República das abelhas* de Giovanni Bonifácio ou na *Cidade do Sol* de Campanella; no *Testamento* de Meslier ou na *Conquista do Pão* de Kropotkin. Em todo este formidável voçor do pensamento humano se assinalam as teorias de perfeição humana, as ansias de tornar a vida o menos penosa possível, o trabalho mais útil, mais extensivo a todos os vândalos, para que ele seja mais humano, mais suave, um excelente impulsor da vida abundante, um benéfico exercício físico e moral — e não uma tortura, uma agonia, um castigo imposto pelos céus capitalistas para que a voraz parasitagem campeie por aí infrene...

Em toda essa magnífica modelação doutrínaria sempre ascensionando para a perfectibilidade social, se verificam já os velhos temas da redução do horário de trabalho pela laboriosa coadjuvação de todos — se vêem os justos motivos para as reclamações das 8, das seis, das quatro horas de produção auxiliadas pelos progressos inventivos colocados ao dispor da comunidade livre.

O 1.º de Maio, pois, está em toda a acção desenvolvida, no tempo e no espaço, em prol da libertação dos povos e contra todos os Neros. Não é americano, como não é francês. Os morticínios de Chicago são um episódio da imensurável luta dos escravos desenrolada, desde a prehistória, em todo o mundo — como os morticínios de Fourmies, no primeiro de Maio de 1891, traduzem outro episódio. Logo, o 1.º de Maio não é outra coisa senão um agregado de parcelas de esforços pela liberdade contra a Tirania, pela Solidariedade contra a Exploração.

Ele será, no futuro, a soma total de todos os sacrifícios dos escravos, dos súbditos, dos servos, da plebe, da ralé, da escória, dispendidos na repelição de todos os crimes da sociedade capitalista e estatal...

Presentemente, o 1.º de Maio é uma continuação das peijas do passado, a lançar a ponte transportadora para o promontório das aspirações do futuro ideal.

Esta continuação não deve ser uma manifestação a prazo — mas uma intensa e extensa continuidade de esforçada luta contra a burguesia. Relembrar, como quem está a contar histórias à lareira, o 1.º de Maio só pelo seu lado yankee, falando dos seus mortos como em dia de fideis defuntos; ou comemorar esta data como uma festa de páscoa, quando ainda não se observou

CONGRESSO DAS JUVENTUDES SINDICALISTAS

(Continuação da 4.ª página)

Bernardino Xavier não concorda com a cota de \$15, pois essa verba é tão ridícula que não permite a satisfação dos encargos da organização juvenil e muito especialmente garantir aos presos e perseguidos o auxílio de que eles carecem. Por isso o orador entende que a cota deve ser de \$30, destinando-se \$15 para solidariedade.

Em torno do assunto prosseguia viva discussão em que intervieram os delegados Emílio Santana, Inácio Martins, Bernardino Xavier e António Joaquim Pato.

A proposta do último congressista foi finalmente aprovada.

O artigo 23.º foi eliminado.

E' aprovado o Parecer sobre as bases orgânicas da F. J. S.

José dos Santos propõe, para o capítulo VI, que se refere aos congressos a seguinte redacção:

20—O Congresso Nacional da Mocidade Sindicalista, reunirá ordinariamente de dois em dois anos e extraordinariamente quando o Conselho Federal o julgar necessário depois dum referendado aos Núcleos.

21—Cada Núcleo deve fazer-se representar no Congresso por um ou três delegados directos dos Núcleos de Juventudes Sindicadas.

22—Só são aceites delegações indirectas dos Núcleos com sede fora do continente, devendo contudo esses delegados indirectos serem filiados em qualquer Núcleo.

22—Os trabalhos de preparação, propaganda e organização, deverão ser entregues a uma comissão organizadora, para esse fim nomeada pelo Conselho Federal.

23—A Comissão Organizadora submeterá à sanção do Conselho Federal a data e o local do Congresso por ela fixada com quatro meses de antecedência.

24—Fixada a data do Congresso, os Núcleos devem comunicar à comissão organizadora os trabalhos que desejam submeter ao estudo e à apreciação do Congresso até 45 dias antes da data fixada.

25—A comissão organizadora deverá ter todos os trabalhos a submeter à apreciação do Congresso publicados com 30 dias de antecedência a fim de as assembleias gerais dos Núcleos de Juventudes Sindicadas os poderem apreciar.

26—As cotas de adesão dos Núcleos serão fixadas pelo Conselho Federal, em harmonia com as necessidades de momento.

Foi aprovado este capítulo e com ele o parecer sobre as bases orgânicas da F. J. S. Sindicalistas.

António de Sousa apresenta, em nome do comité federal, um parecer sobre vários problemas que interessam a organização juvenil.

Neste parecer advoga-se a conveniência de ser definida a situação do Núcleo do Porto que pretende ficar com as percentagens da «Voz Sindical» que pertencem à Federação.

Com a aprovação da proposta que segue ficou o assunto arrumado.

Liquida-se um Incidente

«O Núcleo do Porto, tendo em consideração que os 5 centavos da «Voz Sindical» devem reverter em benefício dos Núcleos que vendem os respectivos exemplares, para que assim possam pagar as sobras que tenham, propõe que esta percentagem fique em poder de cada Núcleo, podendo no entanto os Núcleos que assim o entenderem enviar a mesma à Federação.» O Núcleo do Porto.

Pelo relatório da comissão de pareceres Ernesto Ribeiro foi presente ao congresso o parecer que segue.

O relatório da comissão elaboradora de pareceres

Presados camaradas:—No cumprimento da missão que por vós nos foi confiada, vimos por intermédio deste relatório dar o

qualquer Ressurreição da Humanidade plena dos seus destinos — é uma mistificação condenável.

O 1.º de Maio é mais alguma coisa do que muita gente supõe. Ele, para ser realmente comemorado, tem que ser sentido e vivido. E esse sentimento, e essa vida, temos de buscá-los na nossa cultura revolucionária, na nossa acção contra todas as opressões nacionais e internacionais, não esquecendo essa infinidade de mártires que gemem, que tombam, por esse mundo fora, transformado em vulcão de terríveis pressões.

Tudo que fôr em contrário, é desconhecer o verdadeiro significado histórico, filosófico, moral e espiritual do 1.º de Maio — é farsa...

C. V. S.

nosso parecer sobre os trabalhos que nos foram presentes e que são os seguintes: Uma moção do Núcleo do Porto sobre a imprensa da Juventude Sindicalista e um parecer da comissão redactorial das páginas juvenis em *A Voz Sindical*.

Apreciados cuidadosamente estes dois documentos, verificamos que cada qual contém matéria diferente, embora ambos pretendam resolver o mesmo assunto. Enquanto que o parecer da comissão redactorial propõe ao congresso a publicação de *O Despertar* por intermédio da Secção Editorial de *A Batalha*, a moção do Núcleo do Porto propõe que dentro da F. J. S. seja criada uma secção editorial que terá uma vida própria e que procurará publicar *O Despertar*, bem como fazer outras publicações que interessem à instrução e educação da mocidade sindicalista do país.

Depois de termos observado convenientemente as vantagens materiais e morais que um e outro documento poderão trazer às Juventudes Sindicalistas, chegamos à seguinte conclusão: Que o congresso não pode tomar resoluções sobre o parecer da comissão redactorial das páginas juvenis em virtude deste parecer ainda não ter sido apreciado pelo Conselho Confederal, não se sabendo, por este motivo, qual o destino que terá. Entende também a comissão elaboradora de pareceres que esta proposta não deve ser aceite pelo congresso, pela razão de que nela não se ressalva condignamente o espírito de independência que sempre animou e deve animar as Juventudes Sindicalistas.

Em face do que acima fica exposto, somos do seguinte parecer:

Que o congresso das Juventudes Sindicalistas aprove a moção do núcleo do Porto, por ser esta a que melhor resolve o problema das publicações juvenis e a que está de harmonia com o espírito de independência que deve caracterizar a nossa organização devendo, portanto, ser pôsto de parte a proposta da comissão redactorial. — Bernardino Xavier, António Joaquim Pato e Ernesto Ribeiro, relatores.

Foi nomeado o novo Comité Federal

Nomeou-se a seguir o novo Comité Federal que ficou composto pelos seguintes camaradas: secretário geral, Emílio Santana; adjunto, José dos Santos; administrativos, António de Sousa; tesoureiro, Luís Costa; relações internacionais, Germinal de Sousa; da Caixa de Solidariedade, Jorge Mateus; do *Despertar*, Raúl Curado; administrativo do *Despertar*, Francisco Paulo de Oliveira Júnior; de actos, Serafim Rodrigues.

A sede da Federação continua a ser em Lisboa.

Para o «Secretariado Internacional» foram nomeados os camaradas António de Sousa, Emílio de Sousa e Germinal de Sousa e para a Secção Federal do Norte os camaradas António Inácio Martins, Ernesto Ribeiro, Maria Júlia de Almeida, José Pedro Lourenço e Alberto de Castro.

O Congresso relegou para o Conselho Federal a nomeação da «Comissão Redactorial da F. J. S.»

Depois foram lidas saudações dos seguintes organismos:

Biblioteca Operária dos Estudos Sociais de Montemor-o-Novo, Câmara Sindical do Trabalho do Porto, Sindicato do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, Operários Corticeiros do Barreiro, Sindicato Unico das Classes Metalúrgicas de Évora, U. S. O. de Évora, Sindicato Unico das Classes da Construção Civil de Évora, Associação Ebreense de Classes de Construção Civil e Anexos, Juv. Sindicalistas de Évora, Núcleo de Juventude Sindicalistas de Lisboa, Federação Metalúrgica, Sindicato Unico dos Operários da Indústria Mobiliária de Lisboa, Núcleo de Juventude Sindicalista de Faro, idem do Porto, Grupo Feminino Libertário Luísa Michel e Centro Feminino de Educação Social do Porto.

Na mesa são lidos os seguintes documentos:

Uma saudação à Associação Internacional dos Trabalhadores

O II Congresso das Juventudes Sindicalistas ao encerrar os seus trabalhos saúda efusivamente a Associação Internacional dos Trabalhadores. — José Pedro Lourenço.

De autoria de António de Sousa:

«O II Congresso das Juventudes Sindicalistas protesta contra todas as iniquidades do Estado, tais como prisões arbitrárias, deportações, estrangulamento da liberdade de expressão e outras anomalias. Protesta contra o despotismo do império de Azavedo Coutinho em Lourenço Marques, exatidão de Paulo da Silva, saúda, e tradição de Francisco pela sua solidária atitude assumida para com este camarada.»

«O II Congresso das Juventudes Sindicalistas ao terminar os seus trabalhos, saúda

efusivamente a C. G. T., como representante do proletariado português, bem assim todos os organismos que nos prestaram a sua solidariedade para a efectivação deste Congresso.»

Aos jovens sindicalistas presos e deportados, manifesta toda a sua solidariedade.

Uma saudação «A Batalha»

Pelo delegado de Gaia foi apresentada a seguinte saudação:

«O segundo Congresso Juvenil ao encerrar os seus trabalhos saúda o jornal *A Batalha* e toda a imprensa revolucionária.»

Foram também aprovadas saudações aos presos sociais, ao jornal *A Voz Sindical*, pelo valioso auxílio dispensado à propaganda das Juventudes, e à organização operária.

Um protesto contra a pretendida extradição de Paulo da Silva

«Considerando: que o direito de asilo é inviolável para refugiados políticos ou sociais que por uma convenção que existe entre Portugal e França este direito não pode ser violado; que a pretexto de ter tomado parte no atentado ao chefe da polícia de Lisboa se pretende extraditar o nosso camarada Paulo da Silva que se encontra em França»

O II Congresso Nacional das Juventudes Sindicalistas, reunido clandestinamente, resolve protestar enérgicamente contra tal extradição. — Germinal de Sousa.

Dois protestos do Congresso

«O II Congresso Nacional das Juventudes Sindicalistas, constata que a U. A. P., apesar de ter sido convidada a fazer-se representar não o fez, protesta contra esta falta o que considera uma desconsideração» — Germinal de Sousa.

«Considerando: que José da Silva Costa assumindo ultimamente um cargo de responsabilidade no Comité Federal dele abusa descaradamente, furtando quantias importantes do cofre federal e outras evidências pelos núcleos; que este caso não pode nem deve passar sem a nossa repulsa; que toda a organização operária deve conhecer o estolo moral deste indivíduo»

O II Congresso das J. S. reunido, extraordinariamente, resolve:

1.º Publicar em *A Batalha* o repugnante feito da mesquinha individualidade sem dignidade, que se chama José da Silva Costa. — José dos Reis Sequeira, delegado do Núcleo de Silves.

Iniciaram-se em seguida os discursos de encerramento.

Emílio Santana que se congratula com os bons resultados do Congresso e faz votos para que os delegados ao regressarem as suas localidades saibam materializar os desejos da segunda reunião magna da mocidade revolucionária a fim da organização juvenil poder gradualmente elevar-se à posição moral que lhe está reservada.

José dos Santos que se refere ao congresso exaltando o auxílio que alguns núcleos dispensaram à comissão organizadora, auxílio que muito contribuiu para a realização do Congresso Juvenil.

Bernardino Xavier que saúda os congressistas e faz ardentes votos para que os trabalhos do Congresso tenham realização.

Jorge Mateus que lembra ao delegado da C. G. T. para que dentro da Central dos Sindicatos defenda as justas aspirações dos jovens.

O discurso do delegado da C. G. T.

Faustino Ferreira, delegado da C. G. T., que declarou interessar-se dentro do Conselho Confederal pelas aspirações das Juventudes Sindicalistas e lamenta que este congresso tivesse que ser clandestino quando se permite que os fascistas desenvolvam uma intensa propaganda dos seus objectivos.

Termina saúda os congressistas e erguendo um viva às Juventudes Sindicalistas. Miguel Correia, militante ferroviário que accidentalmente se encontra no «burguês mistério», que saúda o Congresso fazendo ardentes votos para que os jovens sindicalistas sejam os militantes do futuro.

Mas para que a sua acção resulte proveitosa é mister que esses elementos se compenem que a sua acção não pode apenas ser doutrinária.

A missão do militante de hoje é mais espinhosa do que a do militante de ontem. Hoje exige-se para o militante uma soma de conhecimentos e uma grande visão das realidades. Quando o militante atingir esta craveira então o movimento operário sairá do estado apático e entrará no campo das realizações.

Miguel Correia termina o seu discurso saúda nos presentes a organização juvenil.

O Congresso em seguida foi encerrado, entoando os congressistas a *Internacional*.

por um rapaz de vinte e um anos apenas, deviam despertar terríveis suspeitas no espírito do almirante, ou cegá-lo completamente.

Cegaram-no. Essa leal e grande alma não podia imaginar a existência de tanta audácia na traição.

Carlos IX e sua mãe conversaram muito com Coligny a respeito dos seus projectos com relação a Flandres.

A fim de aumentar a confiança dele e a dos seus correligionários (pois que só o almirante se achava na corte), o rei restituiu-lhe o seu lugar no conselho de Estado; e, tendo por essa época alguns católicos mais impacientes assassinado huguenotes em Ruão e em Orange, Catarina de Médicis mandou punir severamente os culpados, evitando assim as recriminações de Coligny.

Este, cada vez mais tranqüilo, fez com que Joana de Albret partilhasse a sua confiança, escreveu-lhe muitas vezes, aconselhando-a a vir à corte, a fim de ultimar o casamento do filho com a irmã do rei.

Joana de Albret partiu da Rochela, deixando lá o filho em companhia do jovem príncipe de Condé, seu primo; mas ela vinha sempre com uma tal ou qual desconfiança.

A 4 de Março de 1572 chegava a rainha de Navarra a Paris, onde Carlos IX a acolheu com entusiasmo, como fizera a Coligny, chamando-lhe «sua querida tia, sua adorada, seu bem, sua muito amada!».

A noite dizia ele, rindo, a Catarina de Médicis:

—Então, minha mãe, que tal me desempenhei eu do meu papel? Deixai o negócio por minha conta, que eles hão de cair todos na rede!

Começou-se logo a tratar do casamento. Joana de Albret esperava graves observações porque, como nem ela nem o filho queriam ouvir falar de missas, desejavam que o casar-se fosse segundo o rito protestante.

—Lá por isso não seja a dúvida, minha querida

tia! disse Carlos IX a Joana de Albret. Nós obtivemos as dispensas de Roma, e, se o papa se fôr fino, e recusar essas dispensas a minha irmã, eu mesmo levarei Margarida pela mão e a irei casar ao templo protestante.

Estas palavras desfizeram todas as suspeitas que ainda restavam no espírito de Joana de Albret.

Combinadas as condições do casamento, decidiu-se ela a mandar vir o filho para Paris. O primo Condé não podia deixar de vir com ele.

Catarina de Médicis tinha, pois, na rede homicida Coligny, Joana de Albret, o filho desta e o príncipe de Condé.

Já era bastante, mas não era ainda tudo. Era preciso chamar a Paris todos os principais chefes protestantes, e o atractivo para isso seriam as festas do casamento reconciliador.

O almirante começava contudo a admirar-se dos continuos adiamentos do rei com relação à ida da expedição aos Países Baixos para sustentar a revolta das províncias contra a Espanha.

Mas, na opinião de Catarina e do filho, como estes acontecimentos deviam produzir um rompimento completo com Filipe II, era preciso preparar-se para esta guerra, a fim de que ela não apanhasse a França desprevenida.

Entretanto, para não despertar as desconfianças de Coligny, combinou-se que o sr. de Lanoue iria aos Países Baixos a frente de algumas tropas reunidas secretamente na fronteira, e tentaria um assalto a Mons.

No caso dum bom resultado, e se os Países Baixos se sublevassem, Coligny marcharia a frente do exército; senão, esperar-se-ia uma ocasião mais oportuna.

A súbita morte de Joana de Albret, atribuída por uns ao veneno e por outros a uma pleurisia, pareceu de sinistro preságio.

A pesar disso, Henrique de Bearn conservou-se em Paris, e não renunciou ao seu casamento com a princesa Margarida, fixado para 15 de Agosto.

A morte de Joana de Albret, que a atribuísem ou não ao veneno, aumentou as suspeitas dos protestantes, principalmente dos que estavam refugiados na Rochela, e ainda mais quando souberam que Francisco de Lanoue, em seguida a um ataque sem resultado a Mons, fôr feito prisioneiro sem que a Flandres se sublevasse.

Passava-se isto no fim do mês de Julho.

Os habitantes da Rochela, cada vez mais inquietos pela sorte dos chefes protestantes, que estavam quasi todos em Paris por causa do casamento de Henrique de Bearn, mandaram um delegado a Coligny, para saber o que havia de novo. O advogado Luis Rennepont, marido de Tereza, uma das filhas de Odelin Lebrenn, encarregou-se desta missão e dirigiu-se a Paris no princípio de Agosto.

Nos fins deste mesmo mês, achava-se a família Lebrenn, reunida, perto da noite, na grande sala onde trabalhava Antonick Lebrenn, que continuava a exercer na Rochela o ofício do pai.

Esta casa parecia um arsenal. Nela se viam, dispostas em cabides fixados nas paredes, muitas armas de toda a qualidade: espadas, punhais, sabres, adagas, lanças, alabardas, machos e machados de combate; arcabuzes curtos e compridos, pistolas e algumas armas de fogo modernas, muito leves e de fácil manuseio, chamadas *mosquetes*, invenção do célebre Gaspar de Milão.

Cada 1.º de Maio que passa deve marcar uma 'étape' do proletariado na senda da sua emancipação

Para nós, trabalhadores, que não vivemos da tradição, o dia 1.º de Maio é todavia data inesquecível. Ele marca através dos anos que se amontoam sobre o célebre congresso de Baltimore de 1886, em que os operários norte-americanos resolveram reivindicar o dia normal de 8 horas de trabalho, uma série de etapas gloriosas dos proletários de todo o mundo na estrada do porvir.

A natureza veste galas. A flora apresenta-se-nos, na sua policromia esbelta, um conjunto de harmonia contrastante com as disparidades sociais. A brisa doce, agitando as papoulas, parece, no seu *rouge-rouge*, anatematizar a humanidade que não soube ainda estabelecer em seu seio um todo equilibrado condizente com a harmonia da natureza que a cerca.

E todos os anos, pelo 1.º de Maio, uma minoria consciente que revolando a terra e fecundando-a a faz germinar o pão, submergindo-se nas gúelhas da orbe lhe extirpe do ventre preciosidades, cruzando os mares revoltos aproxima longínquos continentes e com eles os povos numa comunhão de interesses e ideias, transpondo caminhos longos os encurta pelo engenho motriz, e nas oficinas, nos laboratórios, pelo músculo ou pelo cérebro, labuta e se estiola, muitos mil braços se erguem num gesto de rebeldia, afirmando seu desejo de serem livres, proclamando a revolução que prossegue na rota da felicidade comum, triunfante dos defensores do atanhão, deixando muito embora no seu rastro os corpos exangues dos que se ofereceram em holocausto ao Ideal.

Rememorar a tragédia de Chicago, pormenorizada-la, seria correr um disco cançado no grande fonógrafo da vida. E' isto pagar com a ingratitude o sacrifício das vítimas da burguesia internacional de 1887? Pode porventura a esponja do olvido sumir da lousa da história os nomes fulgurantes dos que sonharam morrer, tendo suspensas dos lábios palavras de incantamento que até hoje e pelos tempos fora têm sido e serão o lábaro que guia as multidões sequiosas de justiça?

Não! Aos vindouros não faltará onde aprender a respeitar as boas figuras dos tempos idos e a seguir os seus ditames. Eles saberão também, que em resultado dum comício realizado na Praça Haymarket, em 4 de Maio de 1886, em pleno período de greve geral reivindicadora, e em que mão ainda ignorada fez explodir um petardo vitimando entre muita gente 60 polícias, foram enforcados, julgados e condenados à força oito dos mais inteligentes militantes do movimento libertário.

Tragédia! Sim, tragédia que é já um pormenor da grande tragédia que na vida da humanidade se tem desenrolado nestes últimos 39 anos, e em que muitos milhares de trabalhadores, inspirados no verbo de Spies, Fischer, Engel, Parson, Ling, Fuldner, Schwab e Neeb, tem sustentado a mais cruel luta contra uma burguesia louca que, juntando aos vícios herdados dos seus predecessores os vícios que adquiriu, na sua raiva contra o pensamento humano se assemelha ao imbecil que, engalfinhado a um cabo de alta tensão eléctrica, no intuito de destruir-lhe o fluido, perece, por fim, fulminado.

Pode a burguesia fomentar o obscurantismo, encerrar ou raquitizar a escola e apertar mais ainda a goliha económica. A liberdade vive instintivamente no coração dos escravizados, até mesmo naqueles que não sabem escolher do alfabeto as letras que compõem a sublime palavra e—ai da burguesia!—um dia a mesma goliha servirá para jogar todos os que se alimentam do suor alheio. E então, tarde já, por certo, ela compreenderá que, como o afirmou Spies, «está nos erros da burguesia o mais temível agitador contra o seu poderio».

Não vai distante a época em que, por uma mistificação dos socialistas legalistas e para satisfação da burguesia apavorada com as ruidosas manifestações revolucionárias que sucederam aos morticínios de Chicago, o 1.º de Maio teve a característica de dia de festa do trabalho. O luto e a revolta cedaram lugar aos preciosos cortejos de carros alegóricos, engalanados de verdura e de trofeus de ferramentas e ladeados por pendões conduzidos por indivíduos enfaixados, cortejos que terminavam quasi sempre pela jantada no campo, entre verduras e alegrias. As locomotivas silvavam festivamente, levando através das serras, sobre os cabeçotes, braços de flores alacros.

Do patronato, até mesmo daquele que aderiu à festança, havia, no dia seguinte bem certa a exploração vil, confiada na brandura dos explorados. Mudaram os tempos, com o agravar da situação económica e com a acção persistente dos anti-legalistas que não esquecem. A fome acotou-se em milhões de lares proletários, mercê da carestia e do *chômage*. Para a parte consciente e pensante do operariado, o 1.º de Maio é o fechar do balanço de mais um ano de lutas, de sacrifícios e de misérias. Dia de imprecações mais do que de lamentos; de imprecações que partem de tugúrios sem pão e do fundo dos cárceres onde se definham as vítimas da sociedade burguesa.

A burguesia, inchada a panga, revolve-se no temor da indignação. Ela estoirará. Preciso é, porém, que para a removermos, saibamos capacitar-nos. Organizemo-nos. Coliguemo-nos. Saibamos fazer a junção de todos os explorados contra os exploradores, dedicando-nos à obra de preparação que permitirá a felicidade humana, sem chefes nem amos, irmanados os homens no comum interesse da distribuição do trabalho e dos gozos!

Santos ARRANHA

Aos empregados no comércio

Fortalecer o sindicato é conseguir pela vitória—Protejamos os marcanos

Antes de ingressarmos no S. E. C. I. já nós vinhamos sentindo necessidade de realizar trabalhos, mas trabalhos. Elevar bem alto a enxada e cravar-lhe o ferro bem fundo no coração da terra, revolvê-la, amanhá-la de forma a que, o grão deitado nas fendas feitas pela revolução do seu dorso produzisse o fruto que todos lhe apetecemos. Essa foi a nossa vontade desde 1920 ou 21 dentro desta classe, como o vem sendo desde a nossa juventude nas organizações obreiras.

Foi por isso que trabalhámos naquela época única vez que dentro desta classe nos dispzemos a trabalhar. Foram então traídos os nossos desejos e vimos, a breve trecho, que todos os nossos esforços seriam baldados, que seria melhor não prosseguir.

Assim fizemos. Ficámos aguardando melhor ocasião para agir. Deixámos que os outros agissem, aqueles que nos barravam a passagem. Talvez, quem o sabia? eles quisessem colher os louros da vitória, louros que são espinhos mas que nem por isso são menos louros.

Deixemos o passado. Aguardamos que juntas todas as energias que os empregados no comércio encerram, e que tantas e tão belas nós sabemos existir, se apresentasse a nossa vez de lhes juntar o nosso esforço que, embora se não possa medir pela competência, aqui se, no entanto, pela vontade de saber querer. Foi, pois, agora a nossa vez.

Não estamos todos, mau grado meu, mas estamos uma maioria que pensa por si que sem querer louros quer se elevar a classe se eleve até onde for possível elevá-la. Não depende tudo de nós. Depende de nós uma soma de trabalhos consideráveis, mas esses trabalhos só ficam e perduram se a classe nos acompanhar, nos assistir colhendo os frutos e conservando-os com aquele carinho com que a família do lavrador colhe e guarda os frutos que resultam da faina suarenta mas alegre dos seus maiores.

J. CAMPELO

1.º DE MAIO DE 1926

O que é necessário que esta data afirme

Vai a organização operária comemorar mais um ano da data sangrenta do 1.º de Maio de 1886 e para tal vai reclamar, por intermédio de todos os seus organismos, integrados positivamente na luta de classes, o estabelecimento do horário de 6 horas a-fim de assim obviar à enormidade de braços parados e atenuar a terrível situação de fome que apressadamente se avizinha.

Se da parte da classe burguesa e capitalista, houvesse um pouco mais de inteligência, certamente seria ela a primeira a concordar com esta imperiosa necessidade. Mas não. Certamente começará a formar-se uma corrente de opinião evidentemente contrária.

E porquê? Porque o egoísmo de sempre fortificará o seu espírito mau e irrequieto, sem observação absolutamente alguma ao negro futuro que se aproxima.

A burguesia internacional só pensa em esmagar as regalias conquistadas pela classe trabalhadora e esta tenta por todos os meios ao seu alcance e num legítimo direito de defender-se de tanta afronta através dos tempos que passam.

Tenta-se em Portugal fazer vingar uma ditadura fascista e militar, apesar de em todos os tempos nós vemos todos os lugares de destaque em todos os edifícios do estado desempenhados pelo sr. capitão A., o sr. major B. etc.

Em referência à competência técnica estamos conversados; sobre administrações e do conhecimento de todos o que para aí se constata.

Urge pois que, pela passagem da data do 1.º de Maio de 1926, a classe trabalhadora organizada saiba fazer ver a todos os tiranos que têm tido a força do mando sobre todos os assuntos, ainda os mais restritos, que é necessário arriar caminho e fazer rápidas concessões às reclamações constantemente apresentadas pela central da organização operária—Confederação Geral do Trabalho.

E que a própria classe trabalhadora—cujos actos, sistematicamente mal apreciados, são todavia os mais honestos possíveis—se aperceba da hora grave que passa, fazendo-se respeitar tal como deve ser respeitada, irmanando-se e robustecendo-se sob o pensamento de que: «a emancipação dos trabalhadores ha-de ser obra dos próprios trabalhadores».

Eis a minha aspiração do que seja a data reivindicadora do 1.º de Maio de 1926.

Alfredo PINTO

SAUDAÇÃO

Nestes tempos de ignomínia que vão correndo, em que o suborno e a grilheita constituem a razão de ser dum sociedade miserável e prostituída, nós que sentimos na chama do nosso idealismo um sonho alviente de verdade e beleza, não poderíamos deixar de saudar aquela imprensa de Portugal que se encontra integrada no espírito da época e fora dos preconceitos tolos e dum dogmatismo imbecil.

A imprensa venal, corrupta, devassa, constitui um cancro social, num estado de virulência que urge extirpar para bem da grei e da comunidade.

A inacção dos trabalhadores

O egoísmo com que o após-guerra demontou as chamadas classes superiores veio, também, de certo modo, reflectir-se nas classes trabalhadoras. Estas, vendo dia a dia crescer de uma maneira escandalosa a desenfreada ganância dos detentores da sua produção, recorrem aos meios de luta que julgaram mais eficazes para não serem vencidas pelos exploradores.

Deve, porém, afirmar-se que os produtores nunca conseguiram melhorar a sua situação económica em face das necessidades mais elementares porque, apesar de muito boas vontades, uma parte dos trabalhadores, já por uma educação herdada de velhos preconceitos e defeituosos costumes arcaicos, já por um desprendimento criminoso, dos admiráveis princípios da solidariedade, abandonou os seus irmãos de sofrimento e seguiu as pisadas daqueles que, ufanando-se de criaturas superiores como que constituídas de um barro especial, tendo praticado toda a casta de escândalos, explorando ignóbilmente os parvos que ainda não souberam, num formidável gesto de energia, emancipar-se de vez dos seus eternos escravizadores.

E assim, muitos trabalhadores, parece que hipnotizados pela exploração dos de cima, julgaram talvez ter um proceder muito digno se os imitassem nos seus egoísmos, resvalando para uma senda muito diferente daquela que tinham o dever de seguir.

Outros, como que empavescidos pela derrocada a que vimos assistindo, cristalizaram a sua acção, abandonaram os seus baluartes de luta—os Sindicatos—ou então, se de todo os não abandonaram, não manifestam o mínimo interesse pela sua situação cada vez mais precária, não se preocupam em dar-lhes a vida tão necessária no momento gravíssimo que atravessamos.

Contra as classes trabalhadoras foram assentadas todas as baterias das classes predominantes, que hoje se apresentam com vários rótulos e com atitudes que deviam fazer ver aos explorados a conveniência de se prepararem para enfrentar a ofensiva de que há muito vêm preparando na sombra. Se os paludos de ideias avelhadas e já carcomidas pelo pó dos séculos ainda não conseguiram pôr em prática os seus maus instintos, isso deve-se a uma parte das classes operárias que, com uma forte energia e tenacidade, têm conseguido frustrar os intentos maléficos dos messias...

Francisco de SOUSA

Toda a imprensa livre nos deve merecer o mais amplo respeito, ainda mesmo que ela traduza uma corrente ideológica diametralmente oposta à nossa.

A luta fere-se lealmente adentro dos princípios e maior lutador será aquele que marcar à margem da dialéctica a eloquência da Verdade, rítmica de sonho e idealismo.

A tolerância que é uma das manifestações de bondade dum sa filosofia, só a entendemos quando os nossos adversários lutando num campo oposto embora, se encontrem numa plena identificação com as suas faculdades psíquicas e mentais.

O frete, a prostituição individual e colectiva, são tantas manifestações de degenerescência, que a virilidade da nossa inteligência, a sensibilidade das emoções mais puras, repudiam numa afirmação de responsabilidade social.

E é por isso que gostosamente escutamos o murmúrio da água explodindo da rocha; a voz do pastor serrano, repercutindo-se

pelos vales; o clamor dos oprimidos, sedento de liberdade e beleza; a revolta dos escravos num sonho de ternura; todas as revoltas, enfim, que tenham uma base de justiça, uma afirmação de consciência social, um desejo fremente de depuração em prol dum Humanidade formosa e redimida.

Saudemos pois a imprensa livre e ainda aquela que se encontra integrada no espírito da época, e que proclama em rajadas de eloquência os princípios racionalistas e científicamente postos pela sociologia.

Saudemos a falange dos mártires e heróis, que abdicando do seu individualismo soerguem ao culto da beleza o seu ideal formosíssimo.

Saudemos enfim o proletariado universal, potência criadora dos progressos científicos; selva vivificante do globo terrestre; sonho eternecido dum mundo melhor emancipado e livre, pelo qual a Humanidade ansia e supina numa sede ardente de perfeição e beleza.

Gomes BELO

A REVOLUÇÃO EM MARCHA!

A história do 1.º de Maio é hoje feita, mais uma vez, na imprensa operária de todo o Mundo. Os factos ocorridos em Chicago em 1886-87, são escalpelizados pelas penas de centenas de pensadores e proletários. Numerosos comícios se realizarão, onde a classe trabalhadora exteriorizará toda a sua indignação, perante uma vida de completo marfrio.

Isto faz-se já há algumas dezenas de anos e a situação mantém-se. Os protestos, quando muito, farão estalar por momentos, apenas, a classe detentora de toda a riqueza social. Depois, as coisas voltam ao seu curso normal anterior, oço dizer a muitos que vivem simplesmente porque tem corpo que se movimenta; não possuem apurados os sentimentos, não têm ideal. São impulsivos por uma baixa materialidade.

Pois desiludam-se! As coisas não voltam ao seu curso normal; dia a dia se modifica.

Então, o que representa toda essa latente convulsão, que agita o Universo de polo a polo, senão o desconjuntar dum sociedade em ruínas?

Olhai para a Ásia e constatai a revolta permanente que ali lava, sinal de que nada há que possa ofuscar o brilho relutante do progresso, em todos os sentidos verificados. O esforço imenso que os representantes das mais retrógradas ideias estão fazendo para impor ferreas ditaduras, esborra-se contra a muralha fortemente alicerçada da Liberdade.

E' ver como Mussolini perde terreno, pelas suas desmedidas ambições de imperador mundial, até nos seus próprios admiradores, quasi aliados! Compreende-se. E' o instinto de defesa. Ele pretende avançar, galgar sobre tudo, esmagar, para impor a sua onnipotência... vontade de mando e nestas condições, cada uma das correntes que também não quer perder o seu predomínio, quanto de aspirações mais restritas, oferece-lhe resistência. Os seus sonhos de grande imperador hão de desfazer-se ante a realidade das coisas...

Na Espanha, que os factos parecem correr mais serenos e o pedestal do ditador solidificado, pela patá mistarista, também não se vive às maravilhas...

A indignação, embora silenciosa, continua crescendo até explodir, ecoando em todo o orbe terrestre, como um alívio protesto contra a tirania que lá impera.

Tem, infelizmente, que dar-se o choque.

E se nós pudéssemos perscrutar até ao sub-solo social, a agitação que germina nos países atingidos pelas maiores opressões, o que não observariamos!

Temos na Polónia, na Roménia e na Bulgária, milhares de mortes, para não citarmos mais nações; um terror formidável sem dúvida, mas o que é tudo isto senão a tremendíssima luta entre a tirania e a liberdade?

O que observamos nos restantes países, que se não deixaram vencer pela onda ultrac-conservadora que só pela força sistem, momentaneamente, a tendência natural e revolucionária dos povos?

A rápida formação de partidos esquerdistas, radicais, reformistas, prometendo reformas sociais, a-fim de evitar a precipitação dos acontecimentos, fatais, logicos e inevitáveis.

Naqueles, a força militarista a agüentar uma situação insustentável, carcomidos os alicerces da sociedade capitalista é mister que se procure um equilíbrio... conquanto fictício. Esse equilíbrio é mantido pela violência. E' consequentemente a desmoralização, a tendência para o esfacelamento, para o desequilíbrio...

Nos últimos, a preocupação em assegurar, dum forma mais inteligente, os partidos burgueses, mantendo pelo maior tempo possível a sua estabilidade, fazendo algumas concessões. Duma forma geral, a situação financeira dos diferentes países agrava-se, uma crise económica tremenda lhe dá origem, consequência da sua própria estrutura, a decadência parlamentarista a provar mais uma vez a necessidade do seu desaparecimento. Os tremendos e subsequentes escândalos, o *chômage* forçada e a correspondente efervescência das massas torturadas por tanto sofrimento, o que é isto, senão a *Revolução em marcha*! A agitação é, portanto, um facto em todos os países. As suas características é que são diferentes. Nos que sofrem o peso de ditaduras, com um aspecto; nos restantes, com outro.

E toda essa efervescência é a resultante natural da acção revolucionária da organização operária internacional, por intermédio da imprensa, no livro, pela palavra, no comício, na rua, enfim em toda a parte. Não nos confundamos, pois.

Todas essas inovações, novas fórmulas de governo, se criaram pela persistente acção, argamassada em sangue, na rebeldia dos povos!

A pressão é tão grande que tem provocado o desmembramento dos partidos e a deslocação dessas correntes.

Elas têm, numa palavra, sido arrastadas pela onda revolucionária.

Como é que as coisas voltam, então, à sua posição anterior? Erram os que assim julgam. A sua modificação é, pelo contrário, apressada constantemente. E' a manifestação do Progresso no seu andamento vertiginoso.

A nossa missão, pois, é persistir nessa grande agitação—acção destrutiva—pulverizando todas as falsas doutrinas propagandadas para ludíbrio das gentes, abatendo preconceitos e arrastando consecutivamente mais grupos, outras correntes, fazendo-lhes reconhecer a sublimidade das ideias preconizadas. Vem devagar, porque já não podem vir depressa, por uma questão de educação e privilégios adquiridos, que pretendem conservar o melhor possível.

As massas, porém, vêm sob maior velocidade, pelo entusiasmo da própria corrida. Passar-lhe-ão à frente e chegarão elegantes, mas bem dispostas para a luta. Serão recebidas com alegria.

Mas, simultaneamente, não podemos esquecer a parte construtiva.

A organização tem que intensificar o seu desenvolvimento sob o ponto de vista técnico, profissional e industrial, como sequência da preparação revolucionária.

Há que aperfeiçoar, elevar continuamente os quadros da organização sindical. Fixemos isto, neste dia de revolta e procuremos, no seu significado, aproveitar o máximo nos exemplos e lições da luta da humanidade.

Estudem, apliquemos o nosso esforço o melhor possível e os resultados mais rapidamente se obterão.

Disto fico absolutamente convencido.

Mário CASTELHANO



O proletariado de todo o mundo, defendendo com acendrado valor as suas liberdades ameaçadas, opõe-se ao avanço do fascismo que busca abrir caminho por entre sangue e ruínas, aplaudido e amparado pelas castas privilegiadas.

Companhia dos Tabacos de Portugal
Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
Capital Esc. 9.000:000\$00
SEDE—Avenida da Liberdade, 12—LISBOA
Comité de Paris—Rua Laffayette, 11—PARIS
DEPOSITOS GERAIS: — EM LISBOA—Rua Direita de Xabregas
NO PORTO —Campo 24 de Agosto, 31

Os tabacos desta Companhia encontram-se à venda em todos os estancos
do país e das agências do Ultramar.

A BATALHA

